

400

PICOLÉ, PICOLÉ, PICOLÉ!!!

Peça Infantil em um único ato.

Autores: - Rodeney Rizzatti Silveira  
- Neusa Thomasi

CENÁRIO: Dando aspectos de uma fábrica de gelo, com 5 pedestais e um painel ao fundo com engrenagem de máquinas. Neste Cenário frio, a ação transcorrerá.

FIGURINO: Malhas com diversas cores escritas no peito com o nome dos personagens.

PERSONAGENS: O Poeta, O livro, O Ator, O Picolé, O Presidente da Fábrica de Gelo, O Teatro, A Música, A Dança.

\*\*\*\*\*

(O PALCO VAI SENDO ILUMINADO LENTAMENTE. VÃO SENDO VISLUMBRADAS AS IMAGENS DO POETA, LIVRO, ATOR, PALHAÇO PICOLÉ, TEATRO, A MÚSICA, e A DANÇA, QUE ESTÃO PARADOS EM POSIÇÕES FIXAS, DANDO ASPECTOS DE BONECOS QUE MOVEM-SE LENTAMENTE, MAS É COM UM MOVIMENTO BRUSCO E RÁPIDO QUE...)

LIVRO: Olá! Olá gente boa!

POETA: É gente boa? Então... boa tarde!

PICOLÉ: Boa tarde às crianças, criancinhas e crianças.

ATOR: Vamos mostrar a vocês como se organiza uma peça de teatro.

DANÇA: Como se começa (DANÇANDO)

MÚSICA: Como se prepara.

POETA: É, vamos mostrar como se constrói teatro.

PICOLÉ: Ah! Já sei, é com pedras, pedrinhas, pedrões; cimento, cimentinho, cimentão e, tijolos, tijolinhos, tijolões.

ATOR: Picolé! Ham, ham...

LIVRO: Não, Picolé. Não é construir de construção, entende?

DANÇA: É construir de fazer...

TEATRO: De representar...

PICOLÉ: Ah! Já sei, é só chegar na frente de uma porção de crianças e...

ATOR: E dizer uma poesia.

POETA: Assim ó (INTERROMPIDO)

PICOLÉ: Não, não! Eu sei, eu faço. Poesia é comigo mesmo, ham! Ai ai ai!...

TEATRO: O que é Picolé?

PICOLÉ: Quanta gente... Tô ficando ferrelho.

LIVRO: Ferrelho não, vermelho.

PICOLÉ: Fervendo, vermelho de medo.

ATOR: Não, não tem de ter vergonha.

POETA: É, as crianças não vão rir de você.

MÚSICA: Se bem que você é bem engraçado, há há há!

PICOLÉ: Me tira daqui.

POETA: Bom, ham..ham..., crianças a primeira coisa que vocês precisam fazer é..

ATOR: Não ter medo.

LIVRO: E nem ficar nervoso como o Picolé, hi hi hi!

POETA: E a segunda coisa é gostar de teatro.

ATOR: Do mundo maravilhoso do teatro.





MÚSICA: Do mundo maravilhoso da imaginação.

TEATRO: Teatro, é vida a criar.

PICOLÉ: É um pouco de medo também.

POETA: Muitas cores.

DANÇA: Muito movimento.

LIVRO: O teatro é sonhar.

ATOR: O teatro é ensaiar.

PICOLÉ: Ensaiar?

POETA: É! É dançar, cantar e falar muitas vezes.

LIVRO: Até ficar ó..., jóia!

PICOLÉ: Ah... para ficarem aqui na frente e bem bonitinhos, não é pessoal?

MÚSICA: Mas para ensaiar é preciso de todos nós.

POETA: É preciso da dança.

DANÇA: É preciso do grande poeta.

POETA: E da música encantada.

MÚSICA: Do Picolé que é a alegria.

PICOLÉ: Do ator.

ATOR: E do nosso Livro.

LIVRO: Então vamos nos apresentar.

PICOLÉ: Para ficarem nos conhecendo, né?

POETA: Bem, eu sou o Poeta.

PICOLÉ: E eu sou o Picolé.

LIVRO: Não Picolé! Deixa ele falar.

POETA: Ham..., bem, eu sou o Poeta.

PICOLÉ: E eu sou o Picolé.

POETA: Picolé! (VIRANDO-SE ENERGICAMENTE)

ATOR: Vem cá (PUCHANDO-O)

POETA: Bom, recomeçando, ... eu sou o Poeta.

PICOLÉ: E eu sou o Picolé... (MESMO AGARRADO FALA, MAS SUA BOCA É TAPADA. SEUS OLHOS E OUVIDOS TAMBÉM O SÃO, POR OUTROS QUE NÃO ESTÃO AGARRANDO).

POETA: Eu escrevo poesias, versos que são alegres como um dia de sol, ou tristes como dias de chuva.

MÚSICA: É, ele escreve tanta coisa bonita.

POETA: Sou a alegria dos namoradinhos (RISONHO) e escrevo estórias e estori-nhas aqui no nosso amigo "O LIVRO". (FAZENDO QUE ESCRIVE E CAUSANDO CÓ-SEGAS).

LIVRO: Eu sou o Livro e, sinto cósegas (RINDO) e vontade de rir quando escrevem em minhas folhas, há há há... mas me dói e me machuca quando arrancam as minhas folhas para fazerem aviãozinhos.

DANÇA: Ele guarda tudo que o poeta escreve.

LIVRO: É, e bem guardadinho.

POETA: Ei! Eu tive uma idéia: vou lá fora escrever uma poesia para as crian-ças (SAINDO DE CENA).

ATOR: Eu sou chamado de artista, porque leio e decora tudo que está no Livro para todos vocês, bem assim oh...

A Flor.

Sou a flor mais bela do quintal,



E com todo o meu perfume  
Trago para pertinho de mim,  
As borboletas coloridas,  
E o meu namorado.  
O Beija-flor.

MÚSICA: Eu me embalo suavemente pelo ar, trazendo alegria no Dó, Ré, Mi, Fá,  
Sol, Lá, Sí.

DANÇA: Sou a beleza do movimento, o colorido dos olhos pequenos.

PICOLÉ: Eu sou a alegria. O humor. Sou o astro do circo. A arte do sorriso;  
sorria, sorria comigo.

TEATRO: Ei, pessoal... (MAS NÃO É OUVIDO)

PICOLÉ: Eu caio assim... (CAI PARA TRÁS, É AGARRADO) e assim... (CAI SENTADO)  
Viva a alegria do Palhaço, a alegria. Viva! (ENQUANTO QUE O TEATRO  
PROCURA FAZER ALGO PARA CHAMAR ATENÇÃO, SUBINDO EM CIMA DO PEDESTAL E  
GRITANDO).

TEATRO: Ei, vocês esqueceram de mim. VOCÊS NÃO PODEM ESQUECEREM DE MIM!

TODOS: Ah, você! Você é o Teatro. Você é todos nós.

POETA: O Teatro é a alegria da Dança, na Música da poesia. (PUCHANDO O TEATRO  
PARA JUNTO DELES).

TODOS: Viva a alegria do Teatro!

(CANTANDO)

Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

(QUANDO TUDO ESTIVER NO AUGE. QUANDO TUDO PARECE TÃO LINDO. PARECE!! OUVI-SE  
OS GRITOS DO PRESIDENTE DA FÁBRICA DE GELO QUE ENTRA EM CENA) (A MÃO DIREITA  
DO PRESIDENTE É MECÂNICA E TODA LAMINADA)

PRESIDENTE: Agora vou começar a congelar todos.

Vou congelar seus sentimentos

e transformá-los em máquinas.

Que irão trabalhar e trabalhar para mim.

Vou terminar com as artes, os artistas.

Meus maiores inimigos. Todos eles são os culpados de tanta alegria  
E beleza!

(O CENÁRIO É ILUMINADO TOTALMENTE E O PRESIDENTE CONGELA O TEATRO, A MÚSICA E  
A DANÇA QUE DIRIGEM-SE COMO MÁQUINAS PARA SEUS PEDESTAIS ONDE FICARÃO ATÉ A  
PARTE FINAL EM POSIÇÕES FIXAS, PODENDO MUDAR DE ACORDO COM AS SAÍDAS DE LUZ,  
MAS CONSEGUEM ESCAPULIR O POETA, O PICOLÉ, O ATOR E O LIVRO, DEIXANDO O PRE-  
SIDENTE DA FÁBRICA DE GELO MAIS FURIOSO).

(APAGAM-SE AS LUZES) (LUZ NO PÚBLICO DE ONDE SAI O POETA).

POETA: No carrossel,

O sobe e desce e o pula pula.

No céu,

A roda gigante a girar.

Gira a terra,

Gira o sol,





Giramos nós.  
Vamos todos girar, vamos todos viver.  
Aqui nas voltas que o mundo dá,  
Vamos todos aprender  
Que nossas vidas e vidinhas  
São a luz  
Que brilha em todos os palcos,  
Pois somos os personagens  
Sem sombras,  
Sem escuridão,  
De um grande Deus doirado  
Que pousa em nosso coração:  
- O Amor!

(LUZ NO PALCO, ONDE ENTRAM O PICOLÉ, O LIVRO E O ATOR).

PICOLÉ: Ei, Poeta... poeta... onde você está? Nós queríamos tanto te encontrar antes que...

LIVRO: É, antes que o malvado do Presidente te encontrasse.

ATOR: Poeta. (GRITANDO) Poeta...!

PICOLÉ: Puxa vida, onde você está?

ATOR: Onde você se meteu? (POETA NO PÚBLICO)

POETA: Ei, Picolé, eu estou aqui oh! (PICOLÉ, ATOR E LIVRO ASSUSTAM-SE)

O que foi? Eu estou aqui divertindo as crianças. (SUBINDO NO PALCO).

PICOLÉ: Ah! Pensei que fosse o Presidente.

POETA: O Presidente, há há há! O que ele está fazendo aqui? (RINDO)

LIVRO: Você já está sabendo?

POETA: Não. O quê?

PICOLÉ: Que o Presidente está atrás de você!

ATOR: Não, não é só de você.

LIVRO: Atrás de todos nós.

PICOLÉ: Ele quer terminar com você e, com todos os poetas e livros.

LIVRO: Livros bons que ainda existem.

PICOLÉ: Congelaram o teatro...

LIVRO: A dança...

ATOR: A música.

POETA: Congelaram o quê?

ATOR: Congelaram os sentimentos e o pior é que transformaram eles em máquinas.

LIVRO: Querem acabar com o teatro.

POETA: Ah! Vocês estão brincando comigo.

LIVRO: Não, não é brincadeira.

PICOLÉ: É verdade, levei um susto que tive que trocar de roupa.

ATOR-LIVRO: E nós também.

POETA: Já sei! Só pode ser! Vocês estão ensaiado. Que lindo cenário, até parece uma Fábrica de Gelo. Puxa, Dança! Como você está bonita aí em cima e você também teatro. Tá bonitão. Será que eu posso subir aqui: Aqui é o meu lugar oh...! "POETA".

PICOLÉ: Eu também vou subir aqui oh...! "PICOLÉ".



LIVRO: Não, desçam já daí, se não o...

ATOR: O Presidente vai ficar furioso com vocês.

PICOLÉ: O Presidente! Aonde, aonde! (MEDO)

POETA: Porque vocês estão assustados assim? Que história é esta?

LIVRO: Inventaram um tal de computador.

ATOR: Uma máquina.

PICOLÉ: Uma mãozona grande, tão fria.

LIVRO: Faz tudo tão rápido.

PICOLÉ: Eu estou com medo.

POETA: Medo de que... chega de brincadeiras.

ATOR: Mas não é brincadeira.

PICOLÉ: Aiii... que medo!

LIVRO: É sério.

ATOR: E querem nos transformar em máquinas.

POETA: Máquinas?!

PICOLÉ: E anda assim oh... (IMITANDO, COMO SE FOSSE UMA MÁQUINA)

(OUVE-SE BARULHOS E NOVAMENTE GRITOS DO PRESIDENTE DA FÁBRICA DE GELO)

LIVRO: É ele, só pode ser o Presidente.

POETA: Não estou entendendo.

ATOR: Vem! Vamos nos esconder que você ficará entendendo.

(ENTRA O PRESIDENTE)

PRESIDENTE: Vou deixar a minha Fábrica bem limpinha (COM A VASSOURA NA MÃO) para a visita dos inspetores, que virão aqui admirar o que consegui congelar. Você música (DIRIGINDO-SE PARA ELA) será trocada pelo barulho das máquinas. E você, dança, pelo suor, pelo trabalho. O teatro, o grande teatro que é a verdade pela mentira. Pronto, está tudo muito feio. É assim que o inspetor gosta. O meu grande Projeto que irá terminar com os artistas está pronto para ser concluído. Vou lá dentro diminuir a temperatura. O inspetor gosta de muito frio, muito frio... (ENTRAM EN CENA OS OUTROS)

POETA: Ninguém vai conseguir acabar com as artes, ela nasce com o ser humano.

PICOLÉ: Mas vai ficar muito frio. Já estou tremendo.

POETA: O que é aquela mão de ferro toda feiosa? Quem a inventou?

ATOR: Foi o computador chefe. Inventou uma máquina que congela os sentimentos e vai terminar com os artistas.

POETA: Mas porque os artistas?

LIVRO: Porque eles divertem o povo.

PICOLÉ: As crianças.

ATOR: Quando as pessoas riem...

PICOLÉ: Riem assim oh... (IMITA RISOS).

ATOR: O riso acalma.

PICOLÉ: O riso traz alegria.

LIVRO: A alegria traz a emoção.

ATOR: A emoção é o sentimento do momento.

PICOLÉ: E quando tudo acaba...

LIVRO: Quando tudo volta ao normal...

ATOR: Quando se vê a verdade...





PICOLÉ: Que não é tão alegre...

LIVRO: E nem tão emocionante.

PICOLÉ: Fica a lembrança na cuca.

LIVRO: Que os artistas são o divertimento...

POETA: E que é necessário se divertir!

LIVRO: Isto! Não é só trabalhar.

PICOLÉ: É preciso de um pouco de palhaçada.

ATOR: E alegria.

LIVRO: É necessário amar, viver, cantar, dançar.

PICOLÉ: Num "balé" enorme.

POETA: De nossa gente...

ATOR: Do nosso mundo...

LIVRO: Do mundo infantil...

PICOLÉ: Sem ser infantil...

POETA: E sendo grande como nós...

LIVRO: Amando as pequenas obras...

ATOR: Livremente.

POETA: Sem que fiquem congelados.

LIVRO: Vamos fazer alguma coisa.

PICOLÉ: Mas o quê?

LIVRO: Vamos pensar. (PAUSA. CAMINHAM DE UM LADO PARA OUTRO DO PALCO...)

PICOLÉ: Tive uma idéia!

ATOR: Qual?

PICOLÉ: Quem sabe a gente canta para eles e, cantando, aqueça os seus sentimentos e eles descongelem. (CANTANDO)

TODOS: Vamos cantar

Vamos amar

Vamos tocar na banda da alegria.

POETA: Venham todos! Quanto mais sorrisos melhor.

TODOS: Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

PICOLÉ: Sem tristezas! Com o calor da alegria.

TODOS: Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

(A MÚSICA VAI DIMINUINDO E NADA ACONTECE).

PICOLÉ: Eu acho que não deu certo.

POETA: Eu pensei que isso não iria falhar.

ATOR: Nem mesmo cantando...

LIVRO: É muito sério. Nós estamos perdidos mesmo.

PICOLÉ: Acho que vou chorar.

POETA: Já sei! Vocês se lembram (BEM PAUSADO) que o Presidente está esperando os inspetores?

LIVRO: Sim, e daí?

PICOLÉ: Isto me dá mais medo.

ATOR: Eu acho que sei o que você está pensando.

POETA: É, vamos fazer de conta que somos os inspetores e vamos entrar na Fábrica.

LIVRO: Ele nos mata!



PICOLÉ: O quê? Entrar lá? Eu acho que vou sair por aqui...(AMEAÇA CORRER)

POETA: Não Picolé! Calma, temos que ter coragem.

ATOR: Temos que fazer alguma coisa e lutar.

LIVRO: Precisamos nos unir.

ATOR: Ficarmos juntos, senão, ele congela todos nós.

POETA: Vamos tirar eles de lá.

PICOLÉ: Mas como?

POETA: Vamos fazer uma roupa igual a dos inspetores.

LIVRO: Mas que roupa eles usam?

POETA: Eles usam todos a mesma roupa. É roupa de gente importante. Depois, entramos no escritório do Presidente e vamos ver o que podemos fazer.

PICOLÉ: Ai ai ai ai...

LIVRO: O que foi?

PICOLÉ: Acho que vou trocar a minha roupa. Ela está toda molhada.

POETA: Chiii...

ATOR: Chi

LIVRO: Chi.

(APAGA-SE A LUZ LENTAMENTE, COLOCANDO GRAVATA E TERNO, O POETA, O LIVRO E O ATOR DIRIGEM-SE PARA O ESCRITÓRIO DO PRESIDENTE DA FÁBRICA DE GELO, EM MEIO AS ESTÁTUAS APENAS UMA MESA DANDO ASPECTO DE ESCRITÓRIO).

(LUZ NO PRESIDENTE).

PRESIDENTE: Pronto! Ham..ham... Prontinho. Está tudo perfeito, tudo arrumadinho, ham...ham... ou melhor, está tudo ótimo para enganar trouxas. Esses inspetores bobos, metidos a sabidões, pensam que eles não roubam também? Pensam? Ah! Eu é que sei. (OUVE-SE UM TOQUE DE CORNETA. ENTRANDO EM CENA OS FALSOS INSPETORES, O LIVRO, O POETA, O ATOR E O PICOLÉ FAZENDO SAUDAÇÕES BRUSCAS E RÁPIDAS. TODOS ELES COM UMA DAS MÃOS MECÂNICAS E O PRESIDENTE SE POSICIONA ENERGICAMENTE)

PRESIDENTE: Eu sou o Superintendente, Diretor, Governador e Presidente da Fábrica Universal de Gelo.

POETA: Eu sou o Inspetor.

LIVRO: Eu sou o(VACILA) o Inspetor do Inspetor.

ATOR: Sou o Inspetor, do Inspetor, do Inspetor.

PICOLÉ: E eu sou o Inspetor, do Inspetor, do Inspetor, do Inspetor, ufff!!!

PRESIDENTE: Muito bem! Muito bem senhores. É um prazer tê-los em nossa Fábrica.

PICOLÉ: Ah!! O prazer é todo nosso.

ATOR: Sim, é uma honra conhecer pessoalmente a fábrica universal de gelo.

LIVRO: E o senhor também, naturalmente.

POETA: É! É... é mesmo. Quanta honra! Bem, mas vamos ao que interessa.

PRESIDENTE: Ah! Sim! Sim!

LIVRO: Vamos a inspeção geral.

PRESIDENTE: A inspeção geral? (MEDO)

ATOR: Uma inspeção geral sobre todos os aspectos.

POETA: (SENTINDO QUE O PRESIDENTE ESTÁ AMEDRONTADO) Detalhadamente.

PICOLÉ: Até na garagem, nos porões e nos depósitos de lixo, pois tem muito lixo atômico por aí.





PRESIDENTE: Mas eu não fui avisado.

ATOR: Como não foi avisado!

LIVRO: Não estou entendendo.

PRESIDENTE: Não seria uma inspeção geral!

PICOLÉ: Mas vai ser uma inspeção geral.

PRESIDENTE: Seria apenas uma inspeção de rotina que o próprio "Computador-chefe" comunicou. Saudações ao computador chefe: Ramam Amam Ala, Ramam Amam Ala.

TODOS: Ramam Amam Ala, Ramam Amam Ala. (PICOLÉ CONTINUA. GESTOS POR CIMA DOS DEMAIS).

PICOLÉ: Ramam Amam Ala, Ramam Amam Ala...

PRESIDENTE: O que é isto?

POETA: É! Ele é assim mesmo.

LIVRO: Ele se empolga.

ATOR: É fanático! Não pode ouvir falar no computador-chefe (É INTERROMPIDO)

PICOLÉ: Ramam Amam Ala, Ramam Amam Ala.

POETA: Inspetor, Inspetor (GRITANDO). Ham..Ham..., desculpe.

PRESIDENTE: Oh! Isso me emociona. Tanta vibração, tanta juventude e tanta dedicação ao nosso magnífico... (É INTERROMPIDO)

ATOR: Não senhor, presidente. Não diga nada novamente porque... (APONTANDO)

PRESIDENTE: Claro, claro! Muito bem meu jovem, mas (PAUSA) vamos a inspeção.

LIVRO: A inspeção geral.

PRESIDENTE: Não! A inspeção é de rotina!

POETA: É, é isso mesmo! Inspeção de rotina!

LIVRO: Digamos que seja uma Inspeção Geral de Rotina!

ATOR: É, é isso!

PICOLÉ: E estes documentos? (DIRIGE-SE A MESA FOLHANDO-OS)

ATOR: Vamos aos documentos.

LIVRO: Mas é claro! Vamos aos documentos.

PRESIDENTE: Mas não podemos! Antes dos documentos temos que inspecionar o Projeto "PICOLÉ".

PICOLÉ: O quê? O senhor me chamou?

PRESIDENTE: O quê?

POETA: Não, não é nada! Ham... Ele é assim mesmo.

LIVRO: Um pouco desligado.

ATOR: E confuso. Não é inspetor? (APERTANDO-O)

PICOLÉ: È, é....

POETA: Ele está entusiasmado com seu Projeto, Presidente!

PRESIDENTE: Ah! O Projeto. O melhor de todos os Projetos já projetados... grande Projeto Picolè. (O PICOLÉ TREME).

PRESIDENTE: Você tremeu, eu vi!

PICOLÉ: Eu tremi? Não, não senhor.

PRESIDENTE: Não diga não senhor.

PICOLÉ: Sim senhor.

POETA: Oh, senhor presidente, imagine nós tremermos.

ATOR: Isso não tem cabimento.

LIVRO: A última coisa seria isto.

PICOLÉ: Tremer! Oh, tremer, ham...





POETA: Mas vamos ao grande Projeto.

PRESIDENTE: O grande Projeto "PICOLÉ" que irá terminar com os artistas do mundo inteiro. (PICOLÉ TREME NOVAMENTE) Agora sim, eu vi você tremer.

POETA: Ora... ora, imagine...

LIVRO: Claro, isto nunca acontecerá conosco.

PRESIDENTE: O grande Projeto que (PICOLÉ TREME, PRESIDENTE OLHA E NADA VÊ) dará fim ao teatro, ao cinema (PICOLÉ TREME, PRESIDENTE OLHA E NADA VÊ) acabará com os grandes escritores, os livros (AGORA TREME O POETA) (PRESIDENTE OLHA E NADA VÊ) está acontecendo algo estranho aqui, muito estranho...

POETA: O Projeto terminará com as horríveis músicas.

PRESIDENTE: É com os aplausos, com a alegria, o divertimento (ELES TREMEM EM SEQUÊNCIA. PRIMEIRO O POETA, O PICOLÉ, O ATOR, O LIVRO. O PRESIDENTE OLHA E NADA VÊ) e com o meu maior inimigo: "O TEATRO". (ELES TREMEM NOVAMENTE, E QUANDO O PRESIDENTE VAI SE DAR CONTA DE QUE...)

POETA: Mas que belas estátuas. Como o senhor as conseguiu?

PRESIDENTE: Aí é que está a grande surpresa.

PICOLÉ: Aonde, aonde... (OLHANDO PARA OS LADOS)

PRESIDENTE: Estas não são estátuas. São o teatro, a música e a dança congelados e transformados em máquinas agora ao meu comando.

POETA: Inacreditável.

ATOR: Magnífico.

LIVRO: Perfeito. (PRESIDENTE SE VANGLORIZA COM GESTOS PAUPOSOS)

PICOLÉ: Burro!

(TODOS FICAM AGITADOS E TUDO ESTÁ PERDIDO)

ATOR: Mas o que é isto Inspetor?

PRESIDENTE: Que palavra é esta? Eu não a conhecia. Não estava computada.

POETA: Faz parte do elogio.

LIVRO: É, é... é um elogio.

PICOLÉ: (BAIXINHO) Ele não conhece a palavra burro.

PRESIDENTE: Bem, muito obrigado. Sei que mereço muitos elogios, pois todas as artes terão à minha mão. Será tudo em meu benefício. Nada, nada, absolutamente nada contra mim!

POETA: Mas será um trabalho muito difícil, o senhor não acha?

PRESIDENTE: Realmente, não será nada fácil.

LIVRO: Dará muito trabalho para o senhor. (TENTANDO PERSUADI-LO A DESISTIR)

ATOR: E além do mais, nem se fala dos gastos que o senhor vai ter.

PRESIDENTE: Mas falta muito pouco. (PEGA OS DOCUMENTOS) Falta-me apenas um grande passo para acabar com tudo.

POETA: Mas o senhor já cortou as verbas da cultura. O tutu...

PRESIDENTE: Sim, isto mesmo.

LIVRO: Eu acho que entendi. Quanto mais ignorante for o povo, melhor ele se sentirá-lo.

ATOR: Isto mesmo.

PRESIDENTE: E agora o grande Projeto Picolé.

PICOLÉ: Burro! Burro!





PRESIDENTE: Obrigado... obrigado...! Todos serão máquinas.

PICOLÉ: Burro! Burro! (PRESIDENTE DIRIGE-SE AO PICOLÉ)

PRESIDENTE: Obrigado. Oh, obrigado meu rapaz. Tudo será trabalho e mais trabalho, entendeu?

PICOLÉ: Sim seu burro. Ah ahah... burro burro!!!

PRESIDENTE: Muito obrigado, você sabe reconhecer as grandes máquinas.

(PICOLÉ SAI DE CENA E VAI INDUZIR AS CRIANÇAS A CHAMAREM-NO DE BURRO)

PICOLÉ: Vou fazer uma faixa para o senhor. Já volto... (SAI)

PRESIDENTE: Vou terminar com o divertimento, com a inteligência das crianças que adoram o teatro. (PICOLÉ VOLTA COM A FAIXA ESCRITA BURRO E A COLOCA NO PRESIDENTE) e para com isso conto com a ajuda de todos os senhores.

PICOLÉ: Nós? (SURPRESO)

POETA: Certo... isto... pode contar...

LIVRO: Apoiamos tudo...

ATOR: E para apoiá-lo mais, voltaremos amanhã, não é?

PICOLÉ: (MEDO) É... vamos dar o fora, o pira, vamos se mandar daqui.

PRESIDENTE: Sim, voltem amanhã. Amanhã será o grande dia, pois falta-me apenas conseguir congelar quatro das grandes artes. Congelar o Poeta (O POETA TREME), o Ator (O ATOR TREME), o Livro (O LIVRO FICA ESTÁTICO) e o grande Palhaço Picolé.

PICOLÉ: Já é hora da gente ir andando.

POETA: Claro, claro. Está tudo ótimo. O Projeto é magnífico, mas voltaremos amanhã.

PRESIDENTE: Claro, voltem amanhã. Decerto para uma nova inspeção de rotina.

ATOR: É somente para apreciarmos o Projeto.

PRESIDENTE: Claro, claro! (TODOS SE POSICIONAM. FAZEM SAUDAÇÕES E VÃO SAINDO)

PICOLÉ: Até amanhã burro, há há há!!!

PRESIDENTE: Burro, muito obrigado. (MOSTRANDO A FAIXA) (SAI A LUZ) (SAI O PRESIDENTE DE CENA) (OS FALSOS INSPETORES TIRAM A ROUPA DE INSPETORES)

POETA: Puxa! Mas como ele está bem guarnecido.

ATOR: É! Quantos guardas.

LIVRO: Armas e mais armas.

PICOLÉ: E aquela mãozona.

ATOR: É! Não dá mesmo.

LIVRO: É impossível fazer qualquer coisa para libertá-los.

PICOLÉ: Eu desisto.

POETA: Mas não podemos desanimar agora. Eu sei que é difícil, que é quase impossível...

PICOLÉ: É impossível...

POETA: Não Picolé, não é! Temos que arrumar alguma saída porque os próximos seremos nós.

ATOR: Nós sabemos poeta, mas... fazer o quê?

PICOLÉ: É! O quê? O quê?

POETA: Calma, calma gente.

LIVRO: Nós não podemos esperar mais.

ATOR: Temos que fazer algo e rápido.

PICOLÉ: Quem sabe a gente entra lá e dá um soco no nariz dele.





POETA: Não, não podemos nos afobar.

ATOR: É! Isso de nada adiantaria.

LIVRO: Só iria nos prejudicar.

POETA: E certamente seríamos capturados.

PICOLÉ: Mas que ele iria ficar com o nariz deste tamanho (FAZ GESTOS) ah! Iria.

POETA: Não Picolé, qualquer modificação, qualquer luta tem que estar bem pensada, entende?

LIVRO: E deve partir de nós mesmos.

ATOR: É isso... todos juntos.

PICOLÉ: Mas eu sou forte, oh... (MOSTRA O FÍSICO)

POETA: Não adianta. Você sozinho não conseguiria nada contra toda esta estrutura.

LIVRO: Por isso é que devemos ficar todos juntos.

POETA: E eles são bem mais forte que você.

PICOLÉ: (ASSUSTA-SE) É mesmo! EU não havia pensado nisso.

POETA: Mas o pior de tudo é que nós mesmos somos os grandes culpados.

ATOR: Nós? Por que?

LIVRO: Que história é esta?

PICOLÉ: Eu não sou culpado!

POETA: Não Picolé. Na verdade, somos culpados um pouco por tudo isso. Existem tantos escritores inúteis, tantos poetas bons que poderiam se dedicar um pouquinho que fosse à música, ao teatro. Tantos poetas famosos que poderiam ajudar a dar um novo rumo ao nosso frio dia de amanhã, a um futuro próximo de um grande teatro. Mas não. Preferem ficar acomodados em seus livros que dão mais lucro e, afinal, não precisam, pois já estão muito bem obrigado.

LIVRO: É! Poderiam escrever peças e livros bons. Livros que mostrassem alguma coisa.

POETA: É! É isso! Sem precisar importar, trazer de outros países as idéias.

ATOR: E assim não seríamos deixados de lado e nem precisaríamos ir na TV para ficarmos famosos.

PICOLÉ: E a alegria não seria trocada pela tristeza.

POETA: É! Isto é muito sério. E temos de fazer ou pelo menos contribuir com o pouco que temos, para não deixarmos tudo acabar de vez.

ATOR: Temos que achar um caminho.

LIVRO: Juntos!

PICOLÉ: É! Bem juntinhos.

ATOR: Precisamos de coragem.

POETA: Para fazermos uma revolução cultural.

ATOR: Para divertirmos as crianças.

POETA: É e, lá fora, o dia está amanhecendo.

LIVRO: Puxa! Temos pouco tempo.

ATOR: E logo logo ele estará atrás de nós.

PICOLÉ: Eu estou ficando com muito medo.

LIVRO: Poeta, estou começando a ficar nervoso, muito nervoso.

POETA: Não temos tempo a perder.

ATOR: Os ponteiros do relógio estão correndo contra nós.



LIVRO: Enquanto que o Presidente está lá, bem sim senhor.

POETA: E nós aqui com medo, perdidos, espalhados e sobrevivendo.

PICOLÉ: A esta hora o Presidente está roncando bem assim oh... (IMITANDO)

LIVRO: E nós aqui parados.

POETA: Vamos nos mexer, vamos lutar.

ATOR: Mas como?

PICOLÉ: Não temos armas, nem canhões, nem... (INTERROMPIDO)

POETA: Temos sim.

LIVRO: Onde?

ATOR: É! Onde?

PICOLÉ: Eu tenho medo. Eu não sei atirar.

POETA: As nossas armas são as nossas cabeças.

PICOLÉ: Há há há, vamos sair por aí dando cabeçadas. (REALMENTE SAI DANDO CABEÇADAS)

POETA: Não! Não! Tive uma idéia: Você não disse que ele está dormindo? (DIRIGINDO-SE AO PICOLÉ)

PICOLÉ: Não! Eu disse que ele estava roncando, assim oh... (IMITANDO)

POETA: Não! Não! Ele está dormindo. E... e... e... i..

PICOLÉ: i... i... i...

POETA: E nós vamos entrar na Fábrica e roubar a mão dele.

ATOR: Você está louco.

LIVRO: Essa não...

PICOLÉ: Não mesmo.

POETA: Sim, ele está dormindo. Se ele está dormindo, ele não nos vê. Se ele não nos vê, vamos tirar aquela máquina horrível e acabar com tudo.

LIVRO: Mas como iremos entrar lá? Têm muitos guardas.

POETA: Você se lembra que os inspetores teriam de voltar lá, amanhã?

LIVRO: Sim.

POETA: Então, nós vamos lá, enganamos os guardas dizendo que chegamos mais cedo e vamos dormir. Aí...

PICOLÉ: Aí.. (IMITANDO O POETA) aiiii....

POETA: Aí, vamos até os aposentos do Presidente, roubamos a mão dele enquanto ele dorme.

ATOR: Mas isso é muito perigoso.

LIVRO: É uma boa idéia. Vamos lá, antes que ele venha até aqui.

POETA: Isto! Coragem e esperança. Ainda resta uma luz lá em cima. (APONTANDO PARA OS ESPOTES)

ATOR: Vamos sim e vamos conseguir.

PICOLÉ: Vamos. É... (MEDO) quem sabe vocês vão na frente e eu fico aqui cuidando para ninguém roubar as nossas coisas e deixo tudo limpinho, tu do arrumadinho. (É INTERROMPIDO)

POETA: Não senhor! Nada disso.

LIVRO: Você vai conosco.

ATOR: Ah, vai mesmo.

PICOLÉ: Vou é?

TODOS: Vai! (CARREGAM-NO SAINDO DE CENA)

PICOLÉ: Então eu vou trocar a roupa de novo.

TODOS: Chiiii, tá todo molhado.





ATOR: Vamos a revolução cultural.

LIVRO: Em nossas cucas.

POETA: Sim, vamos. Vamos agora, em silêncio, psiuuu! Para não acordá-lo.

(APAGA-SE A LUZ)

(ENTRANDO LENTAMENTE A LUZ VERMELHA E COMEÇA A SER DISTINGUIDA AS IMAGENS DO TEATRO, A DANÇA E A MÚSICA QUE CONTINUAM IMÓVEIS EM SEUS LOCAIS DE ORIGEM; EM MEIO AS SOMBRAS, NO CENTRO DO PALCO, ESTÁ O PRESIDENTE DEITADO SOBRE UM TABLADO BRANCO. ENTRAM EM CENA O POETA, O LIVRO, O PICOLÉ E O ATOR VESTIDOS COMO OS FALSOS INSPETORES, DIRIGINDO-SE AS PROXIMIDADES DO PRESIDENTE E, DURANTE O PERCURSO EM DIREÇÃO AO PRESIDENTE DORMINDO, DIVERSAS E DAS MAIS VARIADAS FORMAS DE ATRAPALHADAS E CÔMICAS AÇÕES. O PICOLÉ ACIDENTALMENTE BATE EM UM DOS PEDESTAIS, QUASE DERRUBANDO A DANÇA. SENTINDO A DOR DE SUA BATIDA VAI GRITAR, MAS TAPAM-LHE A SUA BOCA. O PRESIDENTE SE MOVE EM SEU TABLADO, DANDO A IMPRESSÃO DE QUE IRÁ ACORDAR, MAS NADA ACONTECE. TODOS AGORA BEM MAIS PRÓXIMOS DO PRESIDENTE E O PICOLÉ NUMA AÇÃO DESCUIDADA CHEGA MUITO PERTO DO PRESIDENTE QUE NUM MOVIMENTO RÁPIDO SE MOVE E PRENDE O PICOLÉ COM UM DE SEUS BRAÇOS, MAS CONTINUA A DORMIR. O PICOLÉ POR SUA VEZ GESTICULA E EXAGERA O SEU PÂNICO FAZENDO CARETAS E OS DEMAIS TENTAM E TENTAM ATÉ QUE CONSEGUEM DESVENCILHÁ-LO E, QUANDO O PICOLÉ VAI RETIRAR-SE, UM NOVO MOVIMENTO DO PRESIDENTE E AGARRA-O POR TRAZ. NOVOS GESTOS ATÉ QUE CONSEGUE ESCAPAR. TODOS TENTAM DIVERSAS VEZES RETIRAR A MÃO MECÂNICA DO PRESIDENTE, ELE SE MOVE DE UM LADO PARA OUTRO, MAS DE REPENTE... CONSEGUEM RETIRAR A MÃO VERDADEIRA E COLOCAM UMA OUTRA EM SEU LUGAR IDÊNTICA, PORÉM FALSA. VIBRAM EM SILÊNCIO. O PICOLÉ SAI COM A MÃO MECÂNICA E QUASE DERRUBA, CAUSANDO MUITO BARULHO E, O PRESIDENTE, VIRA-SE NOVAMENTE DE UM LADO PARA OUTRO E NADA ACONTECENDO. OS FALSOS INSPETORES SAEM DE CENA JUNTAMENTE COM A LUZ VERMELHA E, O PALCO, É ENVOLVIDO POR UM MANTO ESCURO) (LUZ NOVAMENTE E FESTA. OS QUATRO JOGANDO A MÃO MECÂNICA PARA CIMA E... ALEGRIA)

POETA: Conseguimos!!!

LIVRO: iuuupiii...!!!

ATOR: Viva! Viva! Conseguimos!!!

PICOLÉ: Alegria! Alegria! (TODOS CONTINUAM A GRITAR E, EM MEIO A EUFORIA...)

POETA: Isto! Alegria! A liberdade se vê por todos os cantos.

Em todos os sorrisos, nos lábios das crianças.

Viva a alegria! O dia já amanheceu!

PICOLÉ: Vamos cantar para comemorarmos!

ATOR: É! Vamos alegrar as crianças!

TODOS: Vamos!!!

TODOS: (CANTANDO)

Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

Vamos cantar, vamos amar.

Vamos tocar na banda da alegria.

(CANTAM ATÉ QUE...) (OUVE-SE A VOZ DO PRESIDENTE DA FÁBRICA DE GELO).

PICOLÉ: Ai ai ai ai, é ele. (MEDO)

LIVRO: Ele ouviu nós cantarmos.

ATOR: E descobriu que roubamos a sua mão. (O POETA ESCONDE A MÃO MECÂNICA NA PARTE TRASEIRA DO PEDESTAL ONDE ESTÁ O SEU NOME).





PICOLÉ: Está muito furioso.

ATOR: E deve ter conseguido outra máquina para nos congelar.

PICOLÉ: Outra mãozona. (APAVORADO)

LIVRO: É o fim de tudo. (ENTRA O PRESIDENTE, PEGANDO TODOS EM CENA)

PRESIDENTE: Eis o grande momento, o sublime encontro, a hora tão esperada, o final de todas as artes e todos os artistas. Agora, tenho todos vocês em minhas mãos. O gelo acabará com tudo de belo e as máquinas vão ser o futuro. (ENQUANTO QUE O POETA, O LIVRO, O ATOR E O PICOLÉ REALIZAM EXPRESSÃO CORPORAL, TENTANDO SE LIBERTAREM, COMO QUE SE ESTIVESSEM PRESOS A UMA REDE E, O PRESIDENTE, SE APROXIMA TOCANDO COM A MÃO MECÂNICA EM TODOS ELES QUE AUTOMATICAMENTE SE TRANSFORMAM EM MÁQUINAS E DIRIGEM-SE COM GESTOS MECÂNICOS PARA OS SEUS PEDESTAIS).

PRESIDENTE: Finalmente consegui reunir todas as artes que faltavam. Todos os que lutavam contra mim, contra o trabalho e às máquinas. Está tudo acabado: O grande Palhaço Picolé está congelado. É o fim da alegria. Viva! O grande Projeto PICOLÉ que dominará o mundo. (O PANO VAI SE FECHANDO E AS LUZES VÃO DIMINUINDO E ESTÁ TUDO PRATICAMENTE ACABADO A MENOS QUE...)

POETA: Isto não pode acabar assim! (VOLTA O PANO E AS LUZES) Sua mão é falsa, sua mão é má! É feiosa demais para as crianças! Sua mão acaba com a pureza. Sua mão é mentirosa!

Esta mão é verdadeira! Esta mão tem o poder da bondade! (DIRIGE-SE AOS PEDESTAIS ONDE ESTÃO OS OUTROS, DESCONGELANDO A DANÇA, O TEATRO E A MÚSICA). Esta mão é a mão da maioria! (TODOS DIRIGEM-SE EM DIREÇÃO AO PRESIDENTE E O POETA NA FRENTE O CONGELA, TOCANDO COM A MÃO MECÂNICA E O PRESIDENTE DIRIGE-SE PARA UM DOS PEDESTAIS, MECANICAMENTE).(LÁ, FICARÁ PARADO. SUA MALDADE SERÁ CONGELADA E NOSSA ALEGRIA CONTINUARÁ.

Gente, o Teatro é a banda da alegria.

Vamos começar, começar e recomeçar tudo de novo. Até que o sol ilumine com os raios de liberdade. (SAI A LUZ RAPIDAMENTE E NO ESCURO OUVI-SE A VOZ DO POETA).

"Vamos começar tudo de novo".

LIVRO: Olá! Olá gente boa!

POETA: É gente boa? Então... boa tarde!

PICOLÉ: Boa tarde às crianças, criancinhas e crianças.

ATOR: Vamos mostrar a vocês como se organiza uma peça de teatro.

DANÇA: Como se começa. (DANÇANDO)

MÚSICA: Como se prepara.

POETA: É, vamos mostrar como se constrói teatro.

DANÇA: É construir de fazer.

TEATRO: De apresentar.

PICOLÉ: Ah! Já sei, é só chegar na frente de uma porção de crianças e...

ATOR: E dizer uma poesia.

POETA: Assim oh... (É INTERROMPIDO)





PICOLÉ: Não, não! Eu sei, eu faço. Poesia é comigo mesmo.

No carrossel  
O sobe desce e o pula pula,

MÚSICA: No céu  
A roda gigante a girar.

TEATRO: Gira a terra.

ATOR: Gira o sol.

DANÇA: Giramos nós.

POETA: Vamos todos girar, vamos todos viver

DANÇA: Aqui nas voltas que o mundo dá,

LIVRO: Vamos todos aprender

PICOLÉ: Que nossas vidas e vidinhas

ATOR: São a luz  
Que brilha em todos os palcos, pois somos os personagens

MÚSICA: Sem sombras  
Sem escuridão

TEATRO: De um grande Deus doirado  
Que pousa em nosso coração:  
- O Amor!

(A LUZ PERMANECE NO PALCO) (O POETA, O ATOR, O LIVRO, A DANÇA, A MÚSICA, O TEATRO E O PICOLÉ DESCEM DO PALCO E DIRIGEM-SE PARA O PÚBLICO ONDE TODOS ESTÃO EM CADA CRIANÇA).

NOTA: " O final de Peça, onde todos os artistas, quer queiram ou não, de uma maneira ou de outra, são transformados em máquinas quando saem do Palco e pisam nas ruas, atropelados pela violência da realidade ".

OS AUTORES

F I M

